

PODER

Aliados reeditam versão de “perseguição política”

Coordenador da campanha de Flávio à Presidência, Rogério Marinho diz ter sido surpreendido com fuga do senador, mas ressalta compreender a atitude dele

» DANANDRA ROCHA
» RENATO SOUZA

A notícia de que o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) deixou o Brasil rumo aos Estados Unidos provocou reações de aliados e adversários políticos. Ontem, integrantes do PL classificaram a situação como perseguição política e manifestaram solidariedade ao parlamentar. Já deputados da base do governo associaram a saída às investigações em andamento contra candidato derrotado à Presidência.

Coordenador da campanha de Flávio, o senador Rogério Marinho (PL-RN) afirmou ter sido surpreendido com a notícia. Ele reclamou, porém, da decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), que determinou a apreensão dos passaportes de Flávio. “Me parece a preparação para uma coisa mais persecutória”, disse. A decisão do magistrado ocorreu após pedido da Polícia Federal, que apontou risco de fuga.

Marinho tentou justificar a fuga de Flávio. “Em uma democracia, é muito estranho que um candidato a presidente seja alvo de medidas cautelares”, frisou.

O senador contou que a última comunicação entre os dois ocorreu na manhã de ontem, depois que jornalistas o procuraram para perguntar sobre o paradeiro do parlamentar. Ele contou ter tentado entrar em contato com Flávio e recebeu uma mensagem de texto por volta das 8h. “Ele dizia que iria dar um tempo hoje e que depois conversaria conosco”, afirmou. “Foi a única comunicação que eu tive com ele, acho que em torno de 8 horas da manhã.”

Na véspera, conforme Marinho, os dois haviam comentado sobre o papel de Flávio na oposição após a disputa presidencial. “Conversamos sobre a necessidade de que Flávio, com os 60 milhões de votos que teve, assumisse esse papel de liderança da oposição”, declarou.

Tarcísio reconhece vitória e pede união da direita

O governador reeleito de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), publicou um vídeo em que reconhece a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), embora não cite nominalmente o presidente. Uma das principais vozes contrárias à iniciativa de Flávio Bolsonaro (PL-RJ) de pedir a anulação do pleito, Tarcísio repete seis vezes a frase “a eleição passou” na gravação e defende uma “oposição vigilante”.

“A eleição passou, mas o país continua fraturado, dividido. E isso exige muita responsabilidade de quem lidera. Reconhecer o resultado não significa calar sobre os excessos: uso da máquina, programas lançados fora do prazo, a interferência do Judiciário. Tudo isso marcou esta eleição e precisa

Carlos Moura/Agência Senado



Estamos surpresos. Conversamos sobre a necessidade de que Flávio, com os 60 milhões de votos que teve, assumisse esse papel de liderança da oposição”

Rogério Marinho (PL-RN), senador

O líder da oposição na Câmara, Cabo Gilberto Silva (PL-PB), saiu em defesa de Flávio nas redes sociais e questionou a decisão judicial. “Ele perdeu a eleição domingo à noite. Na mesma noite, Moraes já tinha assinado: passaportes cancelados, proibido de deixar o Brasil, inquérito em sigilo. Sem condenação. Sem julgamento. Sem esperar o dia amanhecer”, ressaltou. “Quase 60 milhões de brasileiros votaram

nele. Em qualquer democracia, isso se chama oposição. Aqui, se chama alvo. Um pai que protege a família desse sistema não é fugitivo. É perseguido. O Brasil não é mais uma democracia. Em nome do PL e de toda a oposição na Câmara estamos com Flávio até o fim.”

O deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) também questionou a situação e associou o episódio à segurança de opositores políticos. “Se um candidato a presidente recebe 60 milhões de votos precisa sair do país, que segurança tem um cidadão comum que se opõe ao atual regime.”

O deputado federal Maurício Marcon (PL-RS), aliado do senador, publicou um vídeo nas redes sociais no qual afirmou que o senador foi aos Estados Unidos para buscar asilo político. “Flávio Bolsonaro, o candidato derrotado nas eleições, também busca exílio em outro país”, declarou. Ele atribuiu a saída à decisão de Moraes.

A vice-líder do PT na Câmara, deputada Maria do Rosário (RS), disparou críticas. “Quem é inocente não foge. A fuga de Flávio é a fuga

de um criminoso que não quer ser responsabilizado por seus crimes. A repetição do que sempre a sua família faz”, disse ao **Correio**.

O deputado federal Otoni de Paula (MDB-RJ), ex-aliado do bolsonarismo, que passou a apoiar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), também publicou um vídeo em que contesta a possibilidade de Flávio ser considerado um exilado político.

O parlamentar relacionou a saída do senador a suspeitas de crime e mencionou o advogado e empresário Willer Tomaz. Na gravação, chamou Flávio de “mentiroso contumaz”.

A deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP), por sua vez, informou ter pedido o bloqueio de bens e contas bancárias de Flávio e de sua mulher, Fernanda Bolsonaro, diante da possibilidade de saída do país. “Agora, blindando-se com a possível fuga, os riscos de que Flávio use sua posição de derrotado nas eleições para conquistar influência em outro país para desestabilizar o Brasil e a nossa Justiça são grandes demais para serem ignorados”, escreveu no X.

Ed Alves/CB/D.A Press



Tarcísio: “A eleição passou, mas o país continua fraturado, dividido”

nos estados. Agora é hora de unidade, de uma oposição vigilante, que cobre responsabilidade fiscal, que proponha aquilo que melhora a vida das pessoas e que fiscalize

de perto quem governa pelos próximos quatro anos”, enfatizou Tarcísio. O governador também disse que o Congresso terá papel importante na pacificação do país.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

O homem que viu o trem passar, e a fuga de Flávio Bolsonaro para os EUA

George Simenon foi um dos mais importantes e produtivos escritores de romances policiais, a maioria deles tendo como protagonista o Comissário Maigret. *O Homem Que Via o Trem Passar* (L’Homme qui regardait passer les trains, 1938) é um célebre romance psicológico do escritor, cujo principal personagem é Kees Poppinga, um holandês pacato, burguês e exemplar chefe de escritório na cidade de Groningen, que pira quando ele descobre que seu patrão faliu e fraudou a empresa.

Decidido a romper com as convenções e a hipocrisia de sua rotina, Poppinga foge para Amsterdã e depois para Paris, numa espiral de crimes, delírios e fuga da polícia. Simenon faz um mergulho existencialista na loucura, na solidão e na desintegração moral de um homem comum, que comete um crime quase perfeito, mas fica completamente paranoico e acaba se entregando à polícia. Simenon claramente se inspira em *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski.

Desculpem-me a analogia com o personagem Poppinga, a fuga de Flávio Bolsonaro para os Estados Unidos vai além do candidato que viu o trem da eleição passar. Tem uma dimensão dostoiévskiana, se considerarmos que há também uma motivação de ordem penal, que nos bastidores de Brasília levaram alguns aliados a apontarem os riscos de perder as eleições e ficar, pela primeira vez na vida política, sem a imunidade parlamentar. Somente Flávio sabe tudo o que fez. Os elementos até agora relatados são insuficientes, porém, para afastar a inoportunidade política da decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF).

Foi inútil mandar apreender os passaportes de Flávio Bolsonaro e impedir sua saída do país. A medida atendeu a um pedido da Polícia Federal apresentado apenas sete minutos depois da confirmação do resultado da eleição presidencial. A proximidade entre os acontecimentos não comprova perseguição, mas ofereceu à oposição um argumento poderoso para transformar um investigado em suposto exilado político.

É preciso distinguir os fatos. Apenas sete minutos separam o anúncio da derrota do requerimento policial, não necessariamente da assinatura da decisão judicial. Segundo reportagem reproduzida pelo *Estado de Minas*, o resultado foi confirmado às 21h09 de domingo; a apresentação da PF recebeu assinatura digital às 21h16. Moraes acolheu o pedido naquela noite, e a ordem foi executada na segunda-feira. Uma providência dessa importância, nesse momento, exigia uma fundamentação capaz de enfrentar o inevitável questionamento público sobre sua urgência.

O alcance das suspeitas e a consistência das provas permanecem parcialmente encobertos pelo sigilo. Entretanto, não se pode afirmar que nada se sabe. O material divulgado aponta uma investigação sobre suposta lavagem de dinheiro envolvendo o advogado Willer Tomaz, empresas de apostas e movimentações financeiras no exterior. A defesa nega que Flávio tivesse poderes sobre contas das empresas do advogado e sustenta que a relação entre ambos é de amizade. Suspeitas precisam ser investigadas.

Falta fundamentação

Entretanto, foro não é sigilo. A prerrogativa de função define o tribunal competente para investigar e julgar determinadas condutas de parlamentares; não torna automaticamente secretos todos os procedimentos. O resguardo das diligências pode ser necessário, mas cobra um preço quando impede a sociedade de compreender por que o candidato derrotado à Presidência foi proibido de viajar imediatamente após a eleição. Quanto menos se conhece a fundamentação, maior o espaço ocupado pelas versões.

Não houve ordem de prisão contra Flávio, mas uma cautelar de restrição de viagem e entrega dos documentos. O senador descumpriu o prazo, e a PF cancelou seus passaportes. Na segunda-feira, ele havia anunciado que permaneceria no Brasil e atenderia à determinação. Sua saída do país enfraquece sua própria palavra e sustenta a interpretação de que procurou escapar do alcance das medidas judiciais.

A repercussão institucional, porém, é desastrosa. Flávio recebeu aproximadamente 48% dos votos e representa uma parcela expressiva do eleitorado. Essa votação não lhe concede imunidade penal, mas aumenta a responsabilidade das autoridades de explicar suas decisões. Moraes, já convertido em personagem central da polarização, oferece à oposição uma oportunidade de mobilização, porque os fundamentos da medida permanecem não esclarecidos. A saída está sendo apresentada como consequência de perseguição. Entretanto, a tese de que vivemos numa “ditadura” não se sustenta.

A oposição disputa eleições, conquista mandatos, governa estados, atua no Congresso e critica abertamente os ministros. A narrativa do exílio integra um repertório recorrente do bolsonarismo. Eduardo Bolsonaro instalou-se nos Estados Unidos antes de sua condenação e da perda do mandato, conforme o material apresentado. Alexandre Ramagem também seguiu para território americano; Carla Zambelli buscou a Itália. Os processos são diferentes, mas a defesa política converge: apresentar a responsabilização judicial como perseguição e procurar proteção fora do alcance imediato das autoridades brasileiras. O componente americano agrava a crise. Simón Levy, ligado ao movimento MAGA, afirmou que o secretário de Estado, Marco Rubio, coordenou a operação que levou Flávio aos Estados Unidos.

Doação de Leite Materno. Toda gota conta.

Para muitos bebês o leite materno é uma medida de vida. Lucca, por exemplo, precisa de apenas 30ml por dia para sobreviver. **Se você está amamentando, doe seu leite. Ligue 160, opção 4** para se cadastrar, tirar dúvidas e agendar a coleta.



Acesse amamentabrasilia.saude.df.gov.br

Lucca,
prematureo,
30ml por dia
para ele poder
sonhar com o
seu futuro.

**GOVERNO DO
DISTRITO FEDERAL**